

“A cidade, como tudo o que é sólido, está a derreter-se no ar? . Ensaio provisório, sobre Duração e Complexidade”

Pedro Brandão. CESUR. IST. Lisboa

ABSTRACT

This paper attempts to answer the question: When the city is out of our desire and our design, can we try a new reading that reconciles us with memory and at the same time, the future of the city? Or will we continue to convert the city in the factory of illusions that exploits time? The length of the city, can be measured by the lives of those who are witness, and so we can build or not, for all and to stay in the public space?.

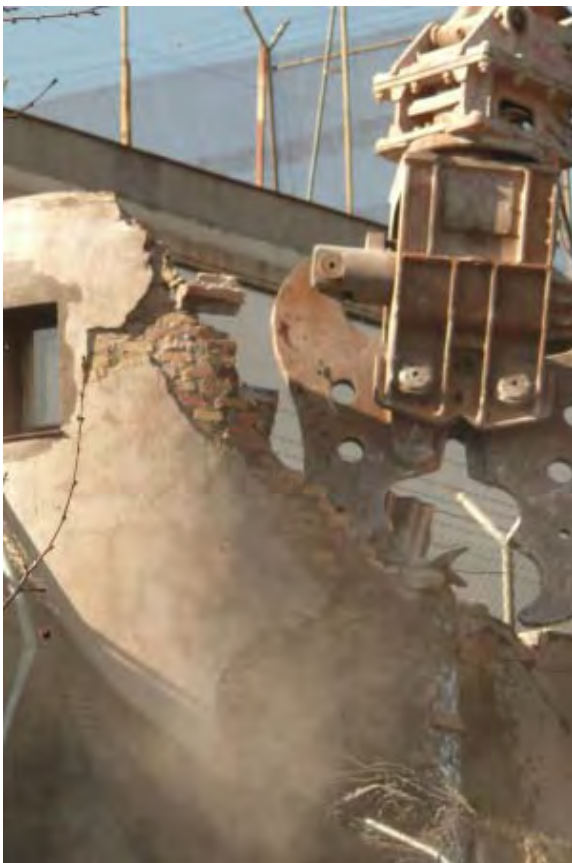
RESUMO

Este trabalho tenta responder a pergunta : Quando a cidade se escapa ao nosso desejo e ao nosso desenho, poderemos tentar uma nova leitura que nos reconcilie com a memória e ao mesmo tempo, com o futuro da cidade? Ou continuaremos a fazer dela a fábrica de ilusões na instrumentalização do tempo? A duração na cidade, é talvez medível pela vida das pessoas que a testemunham, e pelo que nós podemos ou não construir, para todos e para durar, no espaço público?

RESUMEN

Este trabajo intenta responder a la pregunta: ¿Cuando la ciudad se encuentra fuera de nuestro deseo y de nuestro diseño, podemos intentar una nueva lectura que nos reconcilia con la memoria y, al mismo tiempo, el futuro de la ciudad? O ¿seguiremos a hacer de ella la fábrica de ilusiones en la instrumentalización del tiempo? La duración de la ciudad, ¿puede medirse por la vida de las personas que la testifican, y por lo que podemos o no construir, para todos y para permanecer en el espacio público?.

KEYWORDS: Time, City, Desire, Public Space



Estive no primeiro mês deste ano em Barcelona, e calhou assistir num domingo, com um pequeno grupo de amigos, ao acto simbólico da demolição de uma prisão de mulheres do período franquista, no bairro da Trinitá. Depois do testemunho de uma antiga prisioneira escutado com atenção por todos os presentes na rua em frente, o Alcaide explicou com simplicidade, como a cidade e o bairro beneficiarão, com um projecto que ali levará novos usos e vivências, muito aplaudido pelos presentes vizinhos e residentes, que também reclamavam novas casas. Lá do outro lado da península ibérica, há uma história paralela: embora um pequeno grupo de cidadãos tenha evocado a necessidade de “salvar a memória”, reunindo-se frente a um velho edifício em “reabilitação” para vir a ser um condomínio de luxo em Lisboa, em lado nenhum se registou a narrativa do edifício - a história da antiga policia politica portuguesa, que ali teve a sua sede de tortura. Poderia ser uma “boa imagem”, para o marketing urbano?

Faço-me a pergunta de outros modos - Quando a cidade se escapa ao nosso desejo e ao nosso desenho, poderemos tentar uma nova leitura que nos reconcilie com a memória e ao mesmo tempo, com o futuro da cidade? Ou continuaremos a fazer dela a fábrica de ilusões na instrumentalização do tempo? A duração¹ na cidade, é talvez medível pela vida das pessoas que a testemunham, e pelo que nós podemos ou não construir, para todos e para durar, no espaço público?

> O Tejo, é o verdadeiro monumento de Lisboa, porventura o único verdadeiro e permanente. Podemos dizer que não é o mesmo, quando perscrutamos numa gravura antiga - a diferença dos barcos que povoam



as suas águas, hoje desaparecidos, ou as margens atarefadas na construção naval, hoje deslocalizada. O Tejo é eterno, mas como é a nossa experiência dele? Para nos ligarmos, na cidade, às coisas que maior duração têm, temos de ressuscitar a utilidade dum conceito irreduzível, derivado da “duração”, que é o da “eternidade”, ou “permanência”. O pensamento do Movimento Moderno não se ocupava da duração, e por isso, tão optimista quanto à capacidade de transformação das formas da Cidade, terá descurado uma capacidade crítica, porque nunca se questionou sobre o inesperado, o incerto. A gestação da nova cidade, moderna, colocou fora de contexto a ideia de permanência (então em “desuso”), substituindo-a pelo desbravar do novo urbano, para novos habitantes em territórios alargados.

A memória colectiva é outra coisa - não é a permanência, é apenas a adição de muitas memórias, mas tal como a permanência dum rio ou duma montanha são irreduzíveis para a integridade da cidade sua vizinha, assim se diz hoje, da “permanência” das formas da cidade, julgada autêntica: Na cidade pós-moderna, das permanências simuladas, substitui-se o sentido (a experiência vivida das pessoas), pela forma que se conserva. Assim se construiu o mito da “integridade”, na “reabilitação” da cidade histórica.

> Quando comprovamos a liquefacção do gelo eterno dos pólos, parece não haver muitas dúvidas quanto às prioridades. Problemática, mas real, é a complexidade, que afecta a própria “duração” das noções que estão a derreter-se, desafiando o nosso pensamento e as nossas convicções.

Curiosamente, “eternidade” tem hoje menos atractivos, como valor seguro.

Um monumento como a Torre Eiffel em Paris pode sugerir aborrecimento, fruto de repetição insistente, ou persistência imutável, de uma identidade demasiada, de uma longa duração obsoleta. Dizemos que é uma “eternidade” ter de esperar demasiado por qualquer coisa - por oposição à curta duração do que nos rodeia, que parece existir para nos “gratificar”, no imediato - o consumo, o êxito excepcional, o efeito “espectacular” é o “momento” em que o sentido do novo espaço urbano é mais estético-expressivo que relacional. É assim frequente que permanência seja duração demasiada: como a jura dum “eterno” amor que é afinal limitado no tempo. Por isso, em vez da difícil compreensão dos factores do Tempo que nos poderia ajudar a conhecer a cidade real² encontrámos ajuda num discurso enganador - de que deixar as coisas como as encontrámos, seria sempre boa opção. Discurso de que nos embebedamos, até cair inconscientes, da sustentabilidade.

> “Cidade sustentável” é uma noção mais vertiginosa (na sua entrada em cena), do que as prévias noções da “durabilidade” que incorporavam uma variação graduável, na forma da cidade - adoptámos a raiz inglesa, “sustainability” e não esta “durabilité” de raiz francesa, talvez porque naquela parece haver garantia da “integridade”, na mutação: na cidade, podemos aceitar que qualquer parte possa ser substituível a todo o tempo. O que é problemático é que ela possa sofrer alterações substanciais no processo de “reciclagem”, como as que decorrem das coisas deixarem de ser o que eram. Não bastará refazer a imagem da integridade se não percebermos o que é a duração, a mutação. Então, a ambiguidade do conceito ganha uma ressonância de legitimação política/ideológica: o que pode ser sustentado, pode ser argumentado.



Transformar algo imaterial num bem transaccionável é uma missão comunicativa atribuída ao desenho: através da embalagem e do “argumento”.

Hoje, a prisão política ou o castelo serão inúteis e descartáveis, enquanto tais: mas mesmo se lhes escapa o préstimo original como prisão ou castelo, a imagem permite-lhes manter o seu potencial valor discursivo, narrativo: A monumentalização e o marketing, são processos de “isolar” a faculdade discursiva do espaço, numa imagem, independente do seu uso, simulacro da permanência da coisa desaparecida, que se tornou elemento de legitimação: O desenho dá a forma à consagração, e a coisa passa à categoria “intemporal”. Assim o retorno do valor, em vez de estar no uso, está no “fetiche” da coisa. Turismo, lazer e cultura são o receptáculo final das formas “conservadas”.



> Conhecer Brasília, ou outra cidade nascida do nada. Cada vez menos coisas existem, de entre as que nos rodeiam, que estivessem nesse mesmo lugar, quando nascemos. E poucas coisas perdurarão para além de nós, na “antiguidade” de amanhã. A cidade tornou-se “instantânea”, mas sem instruções de “como usar”, depressa se desdiz. As coisas que colocamos num âmbito espacio-temporal mais alargado que o “aqui- agora”, como espécie “artificial”, tornam-se elas mesmas a ficção, a “Alegoria do Património”³- substituindo a realidade da vida quotidiana. A extraordinária importância atribuída ao que pode ser “sinal do tempo” (ontem ou amanhã) reside agora na excepcionalidade, não só por esses “sinais” serem vistos como raros e “perfeitos”, mas por serem abstraídos do quotidiano. Por isso, quando remetemos o desenho urbano para “temas de cultura”, é mais no destaque da excepcionalidade visual da sua aparência que se “consagra” a cultura, do que no plano da qualidade do quotidiano, no espaço da cidade.



Na escassez de meios, a cidade é menos “regulável”. Por isso, o “sentido do cuidado” exige-nos um investimento afectivo continuado, menos excepcional. Cuidar, é agora a acção pertinente antes e depois do desenho. Prever, planear, projectar, construir, gerir, ganham outro sentido, quanto à certeza que implicam: da menor (no prever), para a maior (no gerir, ou cuidar).

> As dimensões do desenho urbano dão-nos em si mesmas a percepção da ambiguidade, nas visões sobre a sua duração: Infra-estruturas e Paisagem, são já o espaço público, estruturante da cidade na sua nova dimensão, alargada. Se a infra-estrutura do Movimento, através da cidade, cria maior continuidade e maior abrangência, é na Paisagem que reconhecemos a diversidade, na nossa pertença a um território de dimensão maior. Por outro lado, o espaço público de dimensão próxima (ou a possibilidade universal da proximidade), está na convergência da(s) Centralidade(s). E apela, no desenho, à escala da junção, ao detalhe da relação.



Porque a cidade é complexidade, porque não cabe nas explicações de uma só visão, nem é problema com uma só solução certa e definitiva, a Interdisciplinaridade pode então ser o modo de saber do seu desenho, pois é preciso procurar no intervalo entre os saberes, as explicações que mais resistem à sua própria duração. Se esta relação temporal é distintiva, é porque o desenho no prazo longo implica possíveis inflexões ou ajustamentos conforme os contextos políticos ou económicos e os actores em presença. Mas se o consenso entre os interesses divergentes (sejam interesses económicos, sociais

ou espaciais) só é possível em função de propósitos comuns, o papel do Desenho Urbano pode ser o de os favorecer, pela comunicação desse propósito; Mas também pode ser o de os manipular, pela comunicação - o que cada um ganha ou perde, as prioridades e as promessas de valor. Num tempo de escassez, quando se esfuma a duração da abundância, a cidade criadora, solidária na partilha e na proximidade... é ainda a única que pode durar.

> Mesmo numa cidade com muito carácter como Lisboa ou Barcelona, a falsificação da identidade da cidade, pode ser constituída de forma “virtual”, invertendo o sentido das coisas: passa a ser o lugar das aparências, do que as coisas que não são. A questão está agora em saber qual a duração dum desenho da cidade, se for baseado na simulação. Em extremo, quase todas as coisas que existiram, que existem ou que nós possamos julgar que existirão (para lá de nós), podem ser chamadas à nossa presença, para serem consumidas através da sua comunicação, como simulacro do que não são. Por exemplo, o que pode ser dito no presente sobre o futuro, não será apenas o nosso compromisso de que também o futuro, será igual ao presente, isto é, ao passado já conhecido? Hoje, tudo o que é sólido dá lugar à simulação da sua existência, quando o que é representado, representa como verdadeiro o “lugar” que já (ou ainda) não é. Assim, a imagem da cidade⁴, derrete-se no ar.

Como reencontrar uma sólida realidade a partir da qual possamos construir a cidade? Na verdade, haverá um caminho: a cidade não ficará fora do tempo - isto é, não se dará a morte da cidade - enquanto ela for vivida como “duração”: como o tempo e o lugar da experiência quotidiana de homens comuns, como o tempo e o lugar necessários para a relação de proximidade e da entre-ajuda, como o movimento irresistível para o encontro do urbano, entre os que querem estar juntos, na cidade.

Essa não será a sua (e a nossa) integridade?

Notes

1 Duração, como experiência vivida, incluindo a continuidade e a mudança das vivências, em Bergson, H. “Ensaio sobre os dados imediatos da Consciência” Ed.70, Lisboa 1988

2 “A Cidade, um Drama no Tempo - uma reflexão organizada sobre os factores temporais no desenho da cidade”, tese de Mestrado de Ana Luísa Brandão, IST 2008

34 Choay, F. “A Alegoria do Património” Edições 70, Lisboa 2007

5 Lynch, K. “A Imagem da Cidade” GG, Barcelona 1998